

O maior da literatura menor¹

Por Gustavo Sobral²

Os mestres e seu ofício

A crônica é o espaço do trânsito, do experimento e da realização. Mas exige cuidado, esmero e trabalho. Pode até parecer despreziosa pela leveza própria do gênero, mas, na verdade, como toda grande literatura que se escreve e sobrevive em bases sólidas, exige dedicação. Rubem Braga, considerado o maior cronista brasileiro, escreveu mais de 15 mil crônicas em 62 anos de atividade. Consagrou e popularizou a crônica que foi o seu ganha-pão. Já cronista respeitado, em 1978, assinou contrato com a Revista Nacional, encartada nos jornais de domingo e com distribuição de quatrocentos mil exemplares, para publicação de uma crônica semanal recebendo um salário mínimo por semana. Assim foi até a morte, em 1991, redigindo 800 crônicas neste período. A quantidade também se torna espantosa, porque a ela está associada à qualidade da literatura que produziu. Braga checava tudo para ter a absoluta certeza que não se enganava.

Os originais eram sempre escritos, reescritos, corrigidos. O cronista cortava palavras, substituía, reescrevia frases. Era minucioso e detalhista e conservou como estilo a brevidade. Exterminador de adjetivos, dizia que a crônica deveria se aproximar da conversa fiada, ou seja, parecer despreziosa para arrebatá-lo o leitor. A lição para o exercício da crônica acrescia a necessidade de conhecimento amplo. Conta o seu biógrafo que Braga lia de tudo. Poesia, biografia, literatura estrangeira, romance policial e até tratados sobre jardinagem. O cronista cultivava um conhecimento enciclopédico. João do Rio, percussor de Rubem Braga, foi quem trouxe para a crônica o caráter literário que não tinha. João do Rio era fruto da crescente circulação dos jornais no começo do século XX, da popularidade dos jornalistas e da sua capacidade de inventar um jornalismo em forma de crônica. O marco inaugural desse gênero é o folhetim no século XIX.

Antonio Candido esclarece que o folhetim era uma espécie de artigo de rodapé com comentário sobre política, literatura, artes, as coisas do dia e, assim, aos poucos, foi se

¹2014, Ensaio. O maior da literatura menor. In: Revista ANL, Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Norte. Nº41, out/dez 2014, p.29-43

² Gustavo Sobral é jornalista e escritor. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

transformando, encurtando, tornando-se mais leve, até assumir as feições que consagraram definitivamente o gênero. Literatura da brevidade, exercício de recuperação da memória, da história social, da história do simples da vida, este é o todo objeto e assunto da crônica. Literatura maior nas mãos do escritor brasileiro, taxaram a crônica de gênero menor. Massaud Moisés classifica-a como expressão literária híbrida e múltipla porque nela cabe alegoria, necrológio, entrevista, confissão, monólogo, diálogo. Ele a situa entre a poesia e o conto, e explica: parte de uma visão subjetiva sobre o fato cotidiano. Seu poder está em não ser mera transcrição da realidade, mas na sua capacidade de recriá-la. A crônica tem o poder de ser um retrato do tempo. Revisitada como se faz a uma fotografia antiga, é capaz de revelar toda a graça, engenho e inventividade que encerra nos seus domínios. A crônica sobrevive e se liberta a qualquer tempo da leitura e não tem nada de literatura menor.

O exercício da crônica

Vinicius de Moraes, nos seus arrebatamentos poéticos, que também guiaram as suas crônicas, foi taxativo ao apontar: na crônica está o coração do jornal. Uma visão romântica para disseminar um quererismo para o jeito descompromissado, leve e desprezioso da crônica, face ao rigor da realidade estampada nos cadernos de cidade e política. A crônica, ensina Vinicius, é herdeira dos essays ingleses do século XVIII que a libertaram para o caminho que ela assumiu de ser livre, casual e lírica. Coisa que Vinicius acusa: ela estaria perdendo por uma prática de um tipo de crônica que ele, numa espécie de crítica, chama as crônicas vagas, temperamentais, ególatras, à clef, para alertar para a missão do cronista de contrabalancear o peso da realidade do jornal, por isso, é obrigação do cronista: “ser leve, nunca vago; íntimo, nunca intimista; claro e preciso, nunca pessimista”.

Vinicius dedicará duas crônicas ao tema crônica, e com o mesmo título “O exercício da crônica”, fazendo graça e forçando um falso drama dirá o quanto custa ao cronista o preparo do seu texto quando a inspiração não vem. O martírio que é a página em branco e a hora que passa no relógio e pressiona com o deadline se impondo quando é chegado o tempo de enviá-la para publicação. A queixa revela a faceta jornalística da crônica. Produto para jornal, como as notícias, reportagens e editoriais, está sujeita ao fator tempo, o chamado fechamento da edição, quando se conclui a edição e a envia para impressão.

Vinicius aconselha: o ideal é sempre ter uma crônica adiantada, ou duas, para evitar o suplício quando o tema não vem; para tão logo desconversar, corroborando para uma visão poética do ofício.

Vinicius classificara os tipos que fazem crônica e os expedientes de que se vale o leitor como remédio para as atividades do dia a dia. Irônico e mordaz ao classificar, faz crítica aos cronistas. Para ele, há aqueles que prezam em ser simples e diretos, colocam um floreio aqui e outro acolá, e que servem aos leitores como assunto para comentar em conversa na mesma noite; outros, aqueles que escrevem de maneira elaborada, servem para o leitor entediar-se e adormecer logo. Dos cronistas, há aqueles que simplesmente fazem logo, apressados para livrar-se do suplício; há os eufóricos, que procuram levar alegria e felicidade ao leitor; os tristes, que inundam a crônica de desânimo; os modestos, que ocultam a sua presença na crônica; e os vaidosos, que estão lá em primeira pessoa, personagem sempre. Mas seja qual for a crônica, Vinicius é taxativo: o leitor não dispensa ao se acompanhar do cafezinho e do cigarro. Crônica é vício também declarado.

A crônica da cidade

Natal não há tal, foi um dos seus adágios, entre outro que pregava que em cada esquina há um poeta e em cada rua um jornal. Cidade que cresceu sonolenta, segundo seu historiador-mor, Luís da Câmara Cascudo. Até que acordou na lenda de Manoel Dantas e se projetou moderna. Primeiro foi cidade na Ribeira e Cidade Alta, contida pelo rio, pelo mar e pelas dunas que não chegaram a cobri-la, depois se esticou para outros tantos bairros formados antes, durante e depois, Rocas, Alecrim, Petrópolis, Tirol, Ponta Negra... Certo de que não há um único símbolo que a consagre, a não ser, apresentar-se a famosa cidade do sol protegida pelos Reis Magos. Também cidade onde antigas modinhas rolaram nas violas sofridas em canções de um Ferreira Itajubá, esquecido poeta, pintor de parede, e tantas outras profissões que pôde ter.

Visitada por Mário de Andrade, poeta, romancista, cronista, totalmente modernista e amigo de Cascudo, é terra, dita pelo mestre Cascudinho, que não consagra nem desconsagra ninguém. Neste corre-corre do tempo, do que só o que passa permanece, no verso do poeta biógrafo e natalense por adoção, Diógenes da Cunha Lima. Teve a sorte de ter registrando os fatos, a vida e a cidade, os seus cronistas diletos que fundaram

definitivamente a crônica moderna nos jornais e a praticaram-na fazendo dela o uso preciso. Contar a vida a partir da própria perspectiva, as coisas da cidade e as andanças pelo mundo. O cronista foi então o historiador do presente e o biógrafo da própria vida. Prova de que a cidade existe e a história da vida diária está na crônica.

A passagem norte-americana durante a Segunda Guerra Mundial transformou a cidade. A população aumentou, os hábitos mudaram, novos jornais surgiram na praça. A Tribuna do Norte foi fundada em 1950, com duas linotipos e uma impressora, distribuindo dois mil exemplares, uma edição de doze páginas e uma seleção de colaboradores. Woden Madruga escrevendo sobre os costumes, a cidade, a literatura, a política, além de comentários gerais; crítica de cinema por Berilo Wanderley, intercalada com as suas crônicas e os assuntos dos dias. Nesse caminho, florescerá também as crônicas líricas de Newton Navarro. A transformação também implicou a fundação da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, em 1962, criada por lei estadual, que funcionava no edifício e sob a administração da Fundação José Augusto. Outras faculdades também se instalavam: Direito, Medicina, Farmácia e Odontologia.

O Grande Ponto era o centro da cidade que andava de bonde. As pessoas frequentavam cafés e a Sorveteria Cruzeiro. O Granada Bar de Nemésio era o sucesso da boemia intelectual: Berilo Wanderley, Newton Navarro, Augusto Severo Neto e companhia ali se encontravam. A Ribeira era do comércio, dos clubes esportivos, hotéis, sede dos jornais, estação de trem e do Teatro Alberto Maranhão. Jornais eram sete em circulação: Tribuna do Norte, Diário de Natal, O Poti, A Ordem, Jornal de Natal, Jornal do Commercio e A República. O carnaval passava em desfile de automóvel pela Avenida Rio Branco e, pela Deodoro, vestidos de marinheiro, uma fotografia antiga guarda Lenine Pinto e Newton Navarro em festa. À movimentação cultural, somam-se as promoções do Centro de Documentação e Cultura da prefeitura recém-criado e dirigido por Mailde Pinto Galvão, que instalara uma galeria de arte na Praça André de Albuquerque, Cidade Alta, e promovera eventos, como a Praça da Alegria, com feira de livros, apresentações musicais e folclóricas. O governo do estado realiza o Festival do Escritor Norte-rio-grandense e lança duas coleções, uma de poesia, que leva o nome do poeta Jorge Fernandes, e a outra dedicada ao ensaio, a coleção Henrique Castriciano.

Outra movimentação é o curso sobre Literatura do Rio Grande do Norte ministrado por Peregrino Junior, Câmara Cascudo e Jayme Adour da Câmara. A livraria Universitária

comandada por Walter Pereira e a livraria de Ismael Pereira, na Ribeira, eram ponto de encontro dos escritores e intelectuais. Walter Pereira era uma espécie de patrono que recomendava leituras e publicava livros. A fixação da crônica nos jornais pertencia ao time destas duas gerações. Berilo Wanderley e Newton Navarro já ocupavam as páginas da Tribuna. Sanderson Negreiros começa no Diário de Natal, colaborando com a coluna de Woden Madruga. Diva Cunha e Constância Lima Duarte classificam este período da literatura potiguar (que começa com a publicação do livro de poemas de Jorge Fernandes em 1927 e vai até meados da década de 1960), ao proporem uma organização didática em etapas para a história da vida literária do Rio Grande do Norte, de modernista, a que poderia se acrescentar o florescimento da crônica da cidade.

Cronista e boêmio

Berilo Wanderley despertava às cinco da manhã para escrever a Revista da Cidade. Publicada na Tribuna do Norte, a Revista da Cidade era um espaço visitado pela crônica, crítica de cinema, comentários sobre literatura e música popular brasileira. As suas paixões, depois de Mary, é claro. Apaixonado por toda vida, Berilo cultivou a paixão como elemento do amor. Todos aqueles que depõem sobre a amizade de Berilo registram o seu amor por Mary, Maria Emília Wanderley. Casados, andavam pela cidade como se sempre estivessem de mãos dadas nas noites no Granada Bar, de Nemésio, e nas reuniões nas casas dos amigos onde Berilo cultivava a sua maior arte: ser querido por todos. Nome completo, Francisco Pinheiro Berilo Wanderley (Natal/RN, 1934-1979). Jornalista por vocação, começou na Tribuna do Norte, foi repórter e tão logo começou a preencher a sua crônica substituindo interinamente Woden Madruga em 1956 e, depois, com saída de Woden para o Diário de Natal, assumiu-a para todo o sempre.

Daí nunca mais parou de exercer o seu vaticínio. Por pouco tempo, arriscou o jornalismo no Rio e em São Paulo, mas voltou cheio de saudades para falar da sua cidade. Belo Lírio, afirma o amigo Veríssimo de Melo, gostava tanto de cinema quanto apreciava a bossa velha e assim levava a vida com leveza, regramento e despreensão. Bebia vinho, hábito que adquiriu na temporada em que passou na Espanha, fruto da bolsa de estudos do Instituto de Cultura Hispânica. Ávido leitor, descansava as leituras sérias, de Drummond, Pessoa, Lorca, seus poetas prediletos, nas aventuras de um bom romance policial. Concluiu o curso de Direito, mas não conseguiu largar o jornalismo. Professor do curso

de Comunicação, uniu a sua paixão pelo cinema e pela literatura e apresentou candidatura para cadeira de telejornalismo em 1977 com a monografia Cinema e literatura. Cultivou um sonho, revelação do amigo Celso da Silveira: ter uma casa com árvores e uma pequena horta, na estrada da Redinha, cercado por Maria Emília, amigos, sossego e livros. Simples, dispensava elogios, não se engrandecia.

Nunca sonhou outros voos, pelo romance, novela, conto, embora tenha sido poeta com livro publicado, o livro de sonetos Telhado do sonho de 1956. O jornalismo era a sua total dedicação. A crônica, a sua literatura. Nada mais ousou. O gênero supria toda a sua capacidade de observador da vida. Berilo foi como uma crônica, breve, intenso, presente, revelador, com os pés no tempo vivido. Outro Berilo não se encontra que não este, no íntimo das suas crônicas, nas homenagens dos amigos atônitos com a sua partida, outra forma não poderia ser a de apresentar o cronista da cidade que consagrou a forma na grandeza da sua simplicidade. Atividade que também condecorou um dileto amigo, companheiro do Granada, o cronista Newton Navarro.

Enfant terrible

Newton Navarro passava na redação da Tribuna do Norte com a crônica já batida (datilografada) à máquina ou ia lá mesmo para fazê-lo. Agitador cultural, pintor, artista que voltou à cidade em, 1948, vindo da efervescência cultural de Recife/PE, onde fora a pretexto de estudar Direito e terminou nas aulas de Desenho de Lula Cardoso Aires. Lançou arte moderna em Natal de cachecol, fantasiado de pintor. Becos, ruas, bares, o rio, os viventes, as figuras emblemáticas são as suas crônicas sem dia certo, produção que chegou em dois livros, uma seleção do próprio Navarro que se chamou 30 crônicas não selecionadas, lançado em 1969, com epígrafe de Vinicius de Moraes: “um jornal é um pouco um organismo humano [...], a crônica é o seu coração”; o outro, póstumo, lançado em 2013, seleção do amigo Paulo de Tarso Correia de Melo, Sete poemas quase inéditos & outras crônicas não selecionadas. A crônica na obra de Navarro é um exercício múltiplo de suas habilidades literárias. Autobiografia não escrita e uma história da cidade revelada. Navarro foi um vivente da cidade, das festas oficiais, dos palanques políticos, das mesas dos bares, dos salões literários e da festa das exposições, frequentou todos os espaços, andou por todos os bairros. Personalidade conhecida e reverenciada, não sobra pelas esquinas de hoje quem invoque uma história pitoresca e que não exija como uma patente

o grau de ter conhecido Newton Navarro, de maneira que sobre a sua vida pairam lendas e se incorporam versões e mais versões de episódios vivenciados. Teatrólogo, cenógrafo, ator, orador, poeta, cronista, contista, novelista, muralista, desenhista, pintor, Newton Navarro Bilro (Natal/RN, 1928-1991). Os contos de Navarro têm a cor e a luz de um atento compositor de paisagens. A novela costura-se sobre o mar, a vida do pescador e a cultura popular. Sua poesia, um tanto Manuel Bandeira, fala do simples, dos bichos, das coisas, dos sentimentos e está impregnada de cor, e assim os aspectos concorrem, formando um artista completo em que a forma de expressão pouco importa. Tudo é manifestação do poder criativo.

Navarro se revela um cuidadoso com a sua produção literária. Paulo de Tarso Correia de Melo afirma que os contos eram escritos e reescritos cuidadosamente, mesmo empenho e trabalho que também dedicou para a reunião de suas 30 crônicas não selecionadas em livro. Os amigos revelam a sua cultura humanística ampla, conquistada nas conversas e leituras. Navarro era capaz de recitar poemas completos, tomado de emoção nas noitadas boêmias. Nas epígrafes dos seus livros, vê-se que era leitor da literatura que despontava, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos e um verdadeiro encantamento pela obra de Jorge Amado. Há notícia de correspondência de Navarro com alguns desses escritores brasileiros, a quem remeteu seus dois livros de contos. Na edição Navarro obra completa, há trechos de comentários escritos por Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade e Érico Veríssimo aos livros *O solitário vento do verão* e *Os mortos são estrangeiros*.

Um escritor influenciado pelo existencialismo que a vida revela praticada ao extremo de quem se entregava em demasia para sorver a essência no amor, na bebida e na dor. Navarro foi personagem de si próprio. Confesso baudelairiano, inventor de si mesmo, circulava pela cidade construindo o mito Navarro, ao mesmo tempo em que se dedicava com afincado e cuidado a preparar uma obra artística sólida, ao escrever e encenar peças de teatro, ao publicar crônicas e ao eleger temas caros à literatura brasileira. O que o torna parte de uma geração de escritores que se debruçaram sobre a realidade do país, a diversidade cultural, a vida do povo. A tudo isso Navarro impregnou com o seu toque existencialista numa atitude, a exemplo de Hemingway, de um escritor que parte de sua realidade para criar a sua ficção. Era preciso viver, conhecer e sentir para contar. As suas crônicas são parte e exemplo bem-acabado de um projeto literário que criou,

compartilhando a cena da cidade e o exercício da crônica com um amigo e também cronista, Sanderson Negreiros.

O poeta dos cronistas

A precocidade acompanhou José Sanderson Deodato Fernandes Negreiros (Ceará-Mirim/RN, 1939). Saiu menino do Colégio Santa Águeda, em Ceará-Mirim/RN, aos nove anos de idade, para o Salesiano, em Natal/RN. Teve vida breve no Seminário São Pedro, renunciando ao futuro sacerdócio e incorporando-se à vida da cidade. Passou pelo colégio Marista, cursou o Atheneu Norte-rio-grandense, foi para faculdade de Direito no Recife/PE, voltou para a faculdade de Direito de Natal/RN, por fim, bacharel em 1963. Foi a sua formação. Outra escola foi o jornalismo. Começou a escrever aos 16 anos, cronista da Tribuna do Norte. Com sensibilidade de poeta, no mesmo ano lançou o primeiro livro de poesia, Ritmo da Busca (1956), bem recebido pela crítica e pelo público. Continuou poeta publicando livros, engajado com a turma do poema processo em Natal na década de 1960. Foi o autor do manifesto. Redator de Manchete e Visão no Rio de Janeiro/RJ numa curta temporada, adjunto de promotor em Ceará-Mirim e Santa Cruz, dentre outras funções anotadas no seu currículo.

Cronista desde o princípio, escreveu para a Tribuna do Norte e o Diário de Natal. A crônica sempre foi a sua revelação do mundo e um diário íntimo. Existencial, fez cálculos sensatos e decentes, lia no mínimo dois mil livros ao ano, o amor cultivaria para sempre bem amar, o pessimismo era para abandonar para longe no cotidiano de cortar o cabelo, tomar o ônibus e engraxar os sapatos. O cronista Sanderson é um terráqueo, tem os pés no chão e nas coisas a fazer. Sonha ler mais poesia e pretende estudar Camões, nunca perder tempo e sempre ganhar espaço. Cumprirá suas atividades e será feliz. O cronista é um homem de fé e falso resignado na sutil ironia que lhe convém. Homem do contra e a favor, nada de chinela japonesa e mulheres burras-enfeitadas-fetichistas, a favor, sim, é da mulher irrevelável. O cronista é maroto e espreita mistérios.

Entre prós e contras, desfilam suas crenças e ideologias. Só o comove o destino das pessoas humildes, mais do que tudo, são anônimos do heroísmo diário. Não o conforma a baba dos invejosos, a traição dos covardes e a falta de cerimônia dos fracassados. Contrário ao derrotismo, à ingerência, o despotismo e à falência que povoa o mundo,

impõe um remédio: a poesia e o amor que cabe na finitude do homem e do universo. Sabe das questões mais urgentes: a do amor e as mulheres. Oscila entre as inquietações maiores da existência e as coisas do dia a dia, sobretudo, as do coração. Da cidade, anota os problemas do cotidiano, falta de luz, telefone mudo, ruas esburacadas, trânsito, enxerga os seus habitantes: poetas especialistas em jazz, boêmio em levitação, loucos e chatos. E muito mais. Uma cidade em trânsito e o Grande Ponto fervilhando. A Natal, cidade que há 100 anos era uma festa. Também se pinta de cores o Ceará-Mirim/RN da infância revisitado, saudade que dói como a Itabira, de Drummond. Assim o cronista revela a crônica, o seu diário íntimo na paisagem urbana.

Compositor de cenas urbanas

Outra cidade não é Natal na Cena Urbana do cronista Vicente Serejo. Vicente Alberto Serejo (Macau/RN, 1951) é essencialmente jornalista (concluinte da Faculdade de Jornalismo em 1977). Um confesso vocacionado de carreira para o exercício da crônica e à observação da vida política. Sua literatura se imprime todos os dias em papel jornal, desde quando instado a uma coluna semanal, a Cena Urbana, que nasceu por acaso. Começou a traçar as linhas no Diário de Natal, era 1970. De repórter, passou a redator, depois chefe de redação, depois editor, e sempre cronista. Com o fim do Diário, passou curta temporada no jornal Gazeta do Oeste, de Mossoró/RN, transferindo, depois, definitivamente, a sua coluna para o vespertino Jornal de Hoje. Leitor dos grandes cronistas, sempre esteve atento ao exercício da crônica, debruçando-se sobre a engenharia do gênero quando professor de Estilos Jornalísticos no curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Cronista em todos os tempos, não se sabe se é o cronista que não larga a crônica ou é a crônica que não larga o cronista. As alegações do por acaso estão explicadas: “Passei a cronista sem querer. Em razão da interinidade de uma coluna social que não sabia fazer. Resolvi substituir as recepções pelas cenas diárias, umas minhas, outras da cidade”. 1982 é o ano em que Vicente Serejo lança o primeiro livro de crônicas, seleção de 50, dentre as 400 que publicou nos últimos dois anos. O estilo do jovem jornalista de 30 anos revela o intelectual em formação. As cenas são o cotidiano e as coisas prosaicas da vida. A Redinha é personagem recorrente. Todos os cronistas amaram a Redinha. Serejo cumpriu a tradição e a elegeu dos seus sonhos e encantamentos. Verão de 1982, janeiro, manda

notícias do mundo de lá à redação do Diário de Natal, dirigidas ao “Sr. Editor”. As Cartas da Redinha foram reunidas dois anos depois em livro sem alterações. São crônicas em forma de carta sobre o único tema, a praia da Redinha, na visão de um cronista em veraneio.

O livro é dedicado ao companheiro de profissão Berilo Wanderley, de quem pesca a epígrafe: “praia de jangadeiros, poucas casas e cajueiros em dezembro”. Serve bem a um resumo do que o cronista fotografa: a sua preguiça cotidiana de quem se dedica a caminhada, conversa com amigos, leitura de jornais e livros, uma cervejinha e delícias da mesa. As férias do cronista são só deleite, mesmo que vez ou outra se queixe de estar sem notícias do outro lado do rio. Na Redinha, está bem munido pelos seus informantes Geraldo Preto e comadre Dalila. A lendária Dalila da consagrada ginga com tapioca. Aliás, o veraneio do cronista é farto: das bacias de caju na estrada, desfilam sabores da mesa, tainhas fritas com dendê, escaldado de cioba (muito melhor que o cozido, adverte), carapeba, caranguejos e siris de corda, tudo servido e acompanhado de uma cerveja geladinha ou uma cachacinha. Os hábitos são fugazes, como espiar a cidade do outro lado, procurando as luzes do farol de Mãe Luíza. O que o desagrada é o piche na praia.

O cronista também se veste de explorador, segue em busca de águas calmas para levar as filhas para aprender natação e vai até Genipabu. Anota e registra todas as praias do litoral na sequência, só não vai a Touros e ali encerra a geografia. O mar, as conversas de pescador, as jangadas e paquetes, tudo é assunto para as cartas até que o verão passa e fica a nostalgia da saudade. O cronista é um lírico que enxerga o azul no Gim, que fala da cidade e da vida com encanto, assim completa a tradição de quem levanta todos os dias com a missão primeira de ser cronista e escrever para o jornal. Confesso dividido entre um eu lírico e um eu político que se revezam no espaço da crônica diária. Vicente Serejo eleva o gênero crônica à categoria de perfeição. O exercício diário, as leituras de tudo e o olhar aguçado do vivente e intelectual levaram-no a expor o melhor do gênero nos temas e na forma, mantendo a antiga medida precisa que usava quando enviava por fax, de onde estivesse, a crônica para o jornal. Métrica perfeita de linhas e parágrafos orquestrados.

O viajante e seus retratos

Augusto Severo Neto (Natal/RN, 1921-1991) foi cronista pela eleição propícia dos temas. Registrou suas andanças pelo velho mundo, passeios e revelações que aguçavam o seu interesse pela cultura universal, as artes, a literatura e as línguas estrangeiras. Poeta que foi, não prescindiu da observação cuidadosa do cotidiano. Memorialista, descendente dos velhos Albuquerque Maranhão, linhagem de política, poder e posses no estado do Rio Grande do Norte, recebeu no nome a homenagem ao avô sonhador e aventureiro que, sobrevoando Paris de balão, se envolveu em um acidente fatal, em 1902. Severo Neto herdou além do nome e da estirpe, o pendor aventureiro, de viajor, e a vocação para as nuvens, foi piloto. Seus temas e assuntos de conversa sempre foram o mar e o tempo. Gostava de perambular pela Europa e, a partir de 1965, fez das viagens uma constante. Ano sim, outro não, ou seguidos, corria para uma temporada.

Batia perna por diversos países conhecendo e revisitando cidades, Paris, Roma, Sevilha, Madri, Barcelona, Lisboa, Creta, entre tantas outras, vivendo cada coisa que registrou com sabor delicioso de um bom contador de histórias nas suas crônicas de viagem. Sempre ele e sua mulher, Lúcia Severo, fazendo amizade, descobrindo o mundo. Se lhe perguntassem uma cidade, não hesitaria em apontar Paris, mas se fosse para apontar um país, não hesitaria em dizer Espanha. Seu refúgio em janeiro era o verão na praia de Pirangi do Norte, Parnamirim/RN, onde cultivou amigos, leituras e a companhia de Lúcia. Diferente não era a vida em Natal. Andava sempre pela cidade de alto a baixo, convivendo com toda gente, dos loucos aos intelectuais, artistas e políticos. Vivência e convivências que registrou em suas crônicas. A memória das ruas, dos bairros, das pessoas e da cidade de sua infância e juventude está nas crônicas publicadas em jornal e reunidas no livro *Ontem vestido de menino*.

Jornalista habilitado, formado pela Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, prolífico e assíduo, colaborou escrevendo artigos e crônicas, como voluntário, nos jornais *O Poti*, *A República*, *A Ordem*, *Dois Pontos*, entre tantos outros, até o *Jornal do Commercio*, do Recife/PE, cidade onde também cultivava amigos como Carlos Pena Filho e João Cabral de Melo Neto. Tradutor de personagens, reuniu-os no livro *De líricos e de loucos*, no qual tratou com olhar de poeta os 50 nomes selecionados e escolhidos, acrescentando o epíteto: histórias nuas e isentas. Os retratados são o que vivem e os fatos sobre os quais deles se contam. Crônicas fruto da observação e vivência do cronista que se confessa das personagens um biógrafo participante ou testemunha. Gente da cidade cuja obra foi a

própria vida. Imortaliza nomes como Zé Areia, Severina e Albimar Marinho. O livro foi lançado na Ribeira, entre os seus, na gráfica de Carlos Lima, “ao sabor de cachaça e seriguela. Luís Tavares foi quem mais comemorou sentado num banquinho”. Registros que revelam a cidade, a crônica e a amizade, sabor de instantes contínuos.